

Frequência em Cena: O Podcast Como Ferramenta de Visibilidade Para a Cena Underground Pernambucana¹

Ana Luisa Cavalcante da Silva²

Antônio Augusto Galdino Wanderley³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o Frequência em Cena contribui para ampliar os espaços ocupados pelas chamadas subculturas por meio da comunicação contra-hegemônica (Torrico, 2019) para a produção independente de podcast (Bonini, 2020). A partir disso, analisamos o conteúdo produzido para perceber as questões de cena musical em Pernambuco nas questões de tradição e cenas underground.

PALAVRAS-CHAVE: podcast; rádio universitária; comunicação contra-hegemônica; cenas musicais; underground

DOIS ESTUDANTES, UMA IDEIA E UMA RÁDIO

O Frequência em Cena⁴ nasceu de uma ideia em conjunto de Augusto Galdino e Lui Cavalcante, no final do ano 2023, no intuito de fazer um programa em formato de podcast. A produção começou em dezembro do mesmo ano, quando vimos o edital de chamada para os programas da Rádio Universitária Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco e inscrevemos o projeto então transmitido a partir de 2024 na rádio e plataformas streaming. A produção, que era voltada apenas para a internet, também chegou à transmissão da via rádio. Inicialmente gostaríamos de trazer a reflexão a partir dos pontos de encontro do Frequência em Cena e a Rádio Paulo Freire e as suas propostas.

A criação do podcast veio no movimento de treinamento das nossas habilidades de produção e edição nos programas sonoros, além da nossa relação com as cenas underground de Recife e Região Metropolitana. Em meio a isso, descobrimos muito mais sobre os assuntos que inicialmente queríamos falar, juntamente com outros

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Podcast, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação do 8º semestre no curso de Rádio, Tv e Internet da UFPE email: luhucavalcante0@gmail.com.

³ Mestrando em Comunicação na linha 2, Estética e Culturas da Imagem e do Som, no PPGCOM da UFPE email: augustogaldino2@gmail.com.

⁴ <https://open.spotify.com/show/38dEFQdldZD1wkx9oyNMI3>

assuntos que só conheceríamos na produção dos episódios. Assim, entendemos melhor sobre gêneros musicais e movimentos que não tinham oportunidades de fala na mídia tradicional em rádio ou televisão. A internet foi uma mão de via dupla, tanto para nós produzirmos um programa mais autônomo em relação aos assuntos e posições abordadas nos episódios, como por exemplo, descentralizar a história do Manguebeat trazendo a importância do bairro de Peixinhos, em Olinda, com a influência negra em suas músicas e berço do movimento mangue. Como também trazer relatos de pessoas do samba para falar que Recife, a cidade do Frevo, não abre espaços para o ritmo mesmo sendo forte na cidade, assim como outras manifestações. Portanto, o intuito do podcast superou a noção de dar visibilidade às cenas, mas trazer tensões nas cenas consolidadas das cidades e do estado.

A rádio fez parte do projeto de alfabetização de jovens e adultos e foi idealizada quando Paulo Freire esteve à frente da Pró-Reitoria de Extensão da UFPE e *Cultura Popular e Alfabetização*, produzido pelo próprio Freire, foi o primeiro programa radiofônico universitário a ser transmitido no estado (Rádio Paulo Freire, 2023). Hoje denominada Rádio Paulo Freire, a emissora segue cumprindo a função de rádio-escola a serviço da comunicação pública e abre espaço para produções independentes graças à Chamada Pública anual.

Ambos ligados a necessidade de aprendizagem e trazer outras perspectivas em relação aos assuntos abordados e entrevistadas/os/es para trazer outras problemáticas, trabalhos e o compromisso da notícia para o interesse do público de maneira contra hegemônica. Nesse sentido, programas com enfoque nas diferentes cenas e subculturas do território como o Frequência em Cena ampliam seu alcance através das ondas de rádio e da internet para construir uma comunicação ex-cêntrica. Segundo Torrico (2019), a comunicação ex-cêntrica - oposição ao centrismo da comunicação ocidental - é resultado do pensamento decolonial latino-americano e se coloca como uma alternativa de fazer comunicacional sob a perspectiva de grupos historicamente colocados à margem.

O PODCAST COMO PROPAGAÇÃO DAS CENAS UNDERGROUND

Os desafios da produção com poucos recursos, sejam materiais, de investimentos e apenas duas pessoas para produzir, editar e divulgar um produto de maneira não lucrativa tem sua vantagem que é a seleção independente de temas e dinâmicas do programa. Assim, Tiziani Bonini(2020) aponta que Millette (2011) propõe que podcasting de áudio independente é uma forma específica de participação online, com sua própria lógica subcultural e um “estilo” único que é completamente diferente daquele do modelo institucional e tradicional do rádio.

Na prática, pensamos o modo de conduzir os episódios do Frequência em Cena de maneira parecida como são as cenas underground do estado, seja ela a participação das mulheres na música experimental, em específico, o Noise(episódio 04), ou mesmo algumas culturas que são reconhecidas, porém outras possibilidades são apresentadas, como a luta das mulheres na cantoria de viola(episódio 17). O programa também apresenta movimentos culturais como a atuação dos poetas, teatro afro-indígenas, cinema Queer/Cuir que circulam pelo estado, como também apresenta as cenas musicais como o Rap, Sharp, Antimúsica entre outros. Ao trazer discussões sobre o tema, também apresentamos ao final do bloco outros artistas do tema abordado no episódio como forma de apresentação de cantoras/es ao conhecimento das pessoas que ouvem tanto via rádio, quanto na internet. Desta maneira, abrimos um novo meio de propagação de artistas e temas. Podemos afirmar que:

Garimpar música desconhecida através do podcasting é uma experiência sensorial nova, que pode ser performatizada e, assim, ganhar valor na sociedade contemporânea, marcada pela alta visibilidade e pelo espetáculo (PINE e GILMORE, 2001; HERSCHMANN, 2007). Isto é, com o avanço da tecnologia de compressão de arquivos digitais e a crise da indústria fonográfica, o podcasting começa a inaugurar novas formas de sociabilidade e a constituir toda uma rede de identidades culturais, valorizadas e prestigiadas pelos usuários. (Herschmann & Kischinhevsky, 2008, p.104).

A relação da produção de podcast e independente se relaciona com as cenas underground apresentadas nos episódios como um reconhecimento em comum dos desafios de se manter em meio os modos de produção hegemônicos nas cenas underground e na produção de um programa sonoro de produção independente como modo de propagação, pois “os podcasts parecem constituir importante ferramenta de democratização do acesso à informação e ao discurso, embora não ofereçam garantias

de que os conteúdos veiculados de fato atingirão os públicos visados”(Herschmann & Kischinhevsky, 2008, p.104), porém, a evolução da internet tem suas características de forma autônoma não só foge do controle do Estado (Barbeiro, Lima.2003), o controle de nós como produtores de alcançar ou não ao nosso público, pois o entendimento do algoritmo que resulta na entrega dos conteúdos pagos ou orgânicos.

Da mesma maneira que ao trazer temáticas das cenas underground no estado, acionamos como os gêneros musicais atuam na região e as sociabilidades causadas por estes movimentos. Uma vez que a cena do Rock, do Pagode, batalhas de rimas, entre outros são colocados em destaque em âmbitos comunicacionais, trazemos as relações de gênero, raça e sexualidade dentro desse movimentos, assim como os encontros e tensionamentos. Pensando o podcasts e os gêneros musicais, assumimos as questões sobre poder e territorialidade postos no texto de Janotti Jr e Pereira de Sá que indicam:

Explorando esta dimensão espacial, entendemos que a noção de cena musical se torna útil para o pesquisador cartografar as sociabilidades que emergem em diferentes regiões de uma cidade, ao mesmo tempo que apontam para a organização das comunidades de gosto através dos espaços metropolitanos. Outro aspecto a ser ressaltado é que a noção de cena musical também permite a apreensão da dimensão política da ocupação dos espaços por grupos e coletivos, criando circuitos concretos marcados pelos rastros dos agrupamentos em movimento, enfatizando a efervescência das cidades enquanto espaços sociais vívidos e produtivos. (Janotti Jr e Pereira de Sá, 2019, p. XX).

Dessa maneira, podemos afirmar que da mesma forma que não controlamos como uma produção independente não controla a entrega de todo o seu público o seu conteúdo de modo orgânico sem tráfego pago, ao mesmo tempo os temas abordados nos episódios do programa, indica o compromisso da notícia com seus acordos e contradições acionados nas cenas musicais pernambucanas. Consequentemente, a produção independente age como um movimento underground.

CENA MUSICAL NO CONTEXTO PERNAMBUCANO

Apesar da regionalização (cobertura local) e globalização (expansão via internet), das produções radiofônicas, contribuir para democratizar a comunicação e contrapor o modelo verticalizado de disseminação da informação, reconhecido por Erick

Torrico(2019) como reflexo do colonialismo em nosso continente, há o reforço de um ideal de pernambucanidade que prioriza certos saberes populares em detrimento de outros que possuem representação escassa na mídia local. A maior legitimidade de certos símbolos que conservam a ideia de uma essência cultural para Pernambuco, com a junção ibérica e indígena ,é uma herança do Movimento Armorial, que entrou em conflito com o Manguebeat e outras manifestações que demoraram para serem aclamadas por políticas públicas, como vemos na série *Caranguejos com Cérebro*(Episódios 23 e 24) e no episódio sobre a cultura do *Samba Enredo*(Episódio 2), produzidos pelo Frequência em Cena.

O estado possui uma grande diversidade cultural desde as manifestações mais tradicionais que surgiram, em sua maioria, no período pré-republicano até as cenas contemporâneas que foram desenvolvidas na região graças ao Sistema de Articulação Universal - Globalização e dispositivos midiáticos (Straw, 1991) e dão continuidade com o apoio do Sistema de Articulação Regional - Políticas públicas nacionais e regionais; acesso local aos bens culturais e produção (Queiroz, 2021). Apesar da maior adesão às chamadas subculturas globais na atualidade graças ao acesso à internet e a conquista recente de algumas políticas públicas, é importante reforçar a origem precária da produção e consumo desse underground e a influência das periferias da RMR em sua formação.

Observa-se essa presença constante da periferia na inovação artística local através de iniciativas como a projeção do Alto José do Pinho na mídia como terreno cultural após o sucesso da banda Devotos (1988), a presença da percussão do Bloco Afro Lamento Negro, de Peixinhos na banda Chico Science e Nação Zumbi no auge do manguebeat como também a influência estética que a periferia trouxe aos álbuns da banda e no surgimento das batalhas de rima como forma de ocupar espaço urbano em uma região onde o acesso ao lazer era limitado para os jovens de subúrbios e favelas.

Os objetivos do Movimento Armorial que buscava unir as culturas de Pernambuco e as chamadas culturas eruditas que se baseavam nas influências europeias não teria outra ação, senão a do afastamento de movimentos do sudeste como é o caso do samba enredo, que no nosso estado, existem duas escolas que são tradicionais e desfilam anualmente, sendo elas a Gigantes do Samba, com 83 anos de história, e a Galeria do Ritmo que existem há 63 anos. O que chama a atenção é o fato de que a

origem desse ritmo passa pelo nordeste, isso foi transmitido no episódio 2 do Frequência em Cena(2024), onde é relatado a participação de João Barãozinho e Hilário Jovino nos primórdios do Samba em Salvador. Jovino é natural de Recife que chega em Salvador aos 20 anos. Isso indica não só o regionalismo do Armorial, mas também a sua necessidade de obliteração da cultura no estado, refletindo na atualidade com as gestões governamentais do estado e capital sobre os ritmos do samba enredo e outras variações, como é o exemplo dos grupos de pagode situados em Recife. Ao pensar nas cenas musicais tradicionais ou underground, destacamos as contradições sociais dentro de Pernambuco.

A IMPORTÂNCIA DAS PRODUÇÕES INDEPENDENTES DE PODCAST

Aqui há uma escolha de mostrar a relevância das produções de podcast na relação de cena musical pernambucana no lugar da tal “conclusão”. Uma vez que, enquanto lemos o texto, os assuntos abordados ainda tensionam e agem na nossa sociedade. O importante foi mostrar que diferentes culturas atuam dentro da ideia de regional em vários aspectos dentro desse território que chama Pernambuco um estado de país. A nossa proposta foi mostrar ainda a relação da rádio pública com a produção independente dos podcasts para levantar a importância de meios contra hegemônicos dentro dessas brechas comunicacionais, como por exemplo, na internet. Como estudantes, o aprendizado prático e acadêmico abre as discussões sobre o lugar que a gente vive e os movimentos culturais perante esse tradicionalismo que ainda age nessa identidade pernambucana. Na maneira que os meios de comunicação se inserem nas novas tecnologias, as brechas ficam cada vez mais perceptíveis no momento que dois estudantes se propõem a praticar maneiras de comunicar e ouvir por meio de um programa de podcast e conhecer melhor as tessituras comunicacionais e sociais do território em que vivem.

REFERÊNCIAS

A Rádio que Paulo Freire Sonhou. Rádio Paulo Freire, 2023. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/60-anos/>. Acesso em: 11 de abril de 2025.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

HERSCHMANN, M. & KISCHINHEVSKY, M. (2009). A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista FAMECOS*, 15(37), 101-106.

JANOTTI JR, Jeder; PEREIRA DE SÁ, Simone Pereira de. **Revisitando a Noção de Gênero Musical em Tempos de Cultura Musical Digital**. *Galáxia*. São Paulo: PUC. N.41, 2019, p128-139.

QUEIROZ, Tobias Arruda. **Pandemônios e notívagos: decolonizando a cena rock no interior do Nordeste**. 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

STRAW, Will. **System of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music**. *Cultural Studies*. v. 5, n. 3, p. 368-388, 1991.

TORRICO, Erick. **Para uma comunicação ex-cêntrica**. *MATRIZES*, v. 13, n. 3, p. 89-107, 2019.